



doi: 10.20396/rfe.v13i2.8665085

## Paul Ricoeur, a Educação e a Docência: uma reflexão a partir de Novaski<sup>1</sup>

Paul Ricoeur, Education and Teaching: a reflection based on Novaski

*Thiago Luiz de Sousa<sup>2</sup>*

### Resumo

Em um primeiro momento, buscamos analisar em nosso artigo como poderíamos investigar sobre a temática da educação na obra de Paul Ricoeur, já que ele não deixou nenhum texto voltado para este assunto. Diante disso, a obra de Novaski busca trilhar, ao seu modo, o mesmo caminho almejado por nós, apontando três traços marcantes na filosofia de Ricoeur que contribuem para filosofia da educação, a saber, a contemporaneidade, a hermenêutica e a psicanálise. A partir do horizonte estabelecido e da contribuição de Novaski, apresentamos nossa própria contribuição, o apontamento da filosofia ricoeuriana enquanto um bom horizonte não só para se pensar a filosofia da educação, mas também a docência.

**Palavras-chave:** Paul Ricoeur. Educação. Docência.

### Abstract

Initially we sought to analyze in this article how we could examine the theme of education in the work of Paul Ricoeur, as he left no texts focused on this subject. In this context, Novaski's work intends to follow, in its own way, the same path that we seek by pointing out three striking features in Ricoeur's philosophy which contribute to the philosophy of education, namely, contemporaneity, hermeneutics and psychoanalysis. Based on the established horizon and Novaski's contribution, we present our own contribution, by revealing the Ricoeurian philosophy as a fair perspective not only for pondering over the philosophy of education, but also teaching.

**Keywords:** Paul Ricoeur. Education. Teaching.

---

<sup>1</sup> O presente artigo foi escrito sob a orientação do Professor Doutor Juarez Gomes Sofiste, a quem o dedico.

<sup>2</sup> Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e licenciando em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bacharel em Filosofia e Mestre em Ciência da Religião pela UFJF, contribui com o Núcleo de Estudos sobre Filosofia Clássica Alemã (NUFCAL) desde 2016.

## Introdução

Paul Ricoeur (1913-2005) é um dos filósofos franceses mais importantes do século XX. Sua carreira filosófica foi longa, com cerca de sessenta anos dedicados a ela, e frutífera, com quase oitocentos títulos publicados. Por sorte, como observa muito bem Jean Grondin, mesmo colocando sua filosofia sob o signo do inacabamento, Ricoeur teve tempo para dizer tudo aquilo que ele queria dizer, seja com suas obras, suas autobiografias, suas reflexões sobre temas bíblicos, suas entrevistas ou seus comentários sobre trabalhos dedicados ao seu pensamento (GRONDIN, 2015, p. 113). Se, muitas vezes, pensamos que nossos escritos filosóficos serão esquecidos, pois, como constata Ivan Domingues, “[a] filosofia é uma atividade ingrata e, como outros campos disciplinares, sua história não é nada sem a sua recepção, quase sempre avara em reconhecimento” (DOMINGUES, 2017, p. 403), Ricoeur, por sua vez, conseguiu superar isso, teve a sorte de ser reconhecido em vida, de saber que pesquisadores tomariam para si o seu legado, continuariam de onde ele parou.

Dentre os caminhos que devem ser continuados, um chama muito a atenção: a reflexão sobre a educação. O destaque para este caminho se dá por conta da ausência de reflexão sobre a educação na obra de Paul Ricoeur, que embora sua carreira filosófica sempre tenha se dado paralelamente à sua carreira de professor, não encontramos nenhum texto dedicado a tal temática. Diante disso, cremos que esta ausência, este silêncio, pode guardar a profundidade de uma experiência valiosa (ALMEIDA, 2008), uma vez que temos, em nossa própria terra, pesquisadores que já buscaram explorar isso, buscaram complementar a filosofia de tal autor francês. Sendo assim, o presente artigo pretende responder os seguintes questionamentos: (i) é possível refletir sobre uma temática ausente em uma filosofia?; (ii) o que podemos apreender com alguém que já buscou desbravar o caminho desta temática? Após isso, cremos que estaremos aptos para traçar uma avaliação própria e tentar esboçar uma resposta para a pergunta que mais nos interessa, a saber: em uma filosofia da educação que se dá a partir da filosofia de Paul

Ricoeur, conseguimos uma boa contribuição para pensar a docência? Busquemos trilhar nosso caminho.

## 1. O silêncio de Paul Ricoeur sobre a Educação

Danilo de Almeida, em *O silêncio dos docentes: uma nova configuração?*, nos chama atenção para o quanto toda experiência é marcada pelo silêncio e que está nele sua profundidade:

A profundidade de uma experiência não está na sua duração nem na sua dramaticidade, mas no seu silêncio. A expressão da experiência e aquilo que nela se cala são duas dimensões inseparáveis. Cada experiência tem o seu silêncio. E, se podemos chegara um acordo imediato sobre aquilo que a experiência expressa, estamos frequentemente prontos ao desacordo sobre aquilo que está silenciado nela ou sobre aquilo que se expressa silenciosamente. Isso explica nossa dificuldade de comunicar o silêncio. Geralmente é aí que reside o conflito das opiniões (ALMEIDA, 2008, p. 302).

Deste modo, o silêncio pode ser interpretado de duas maneiras: (i) como ausência do que dizer por falta de experiência, como usualmente costumamos diagnosticar; (ii) como ausência do que dizer por excesso de experiência. Está nessa segunda maneira a chave de nossa reflexão sobre a temática da Educação ausente na obra de Paul Ricoeur. Mas, refletir sobre o silêncio é uma tarefa fácil? Normalmente, é mais difícil do que refletir sobre a experiência expressa, uma vez que, como nota muito bem Almeida, nele reside conflito de opiniões. Neste sentido, uma hermenêutica feita a partir do silêncio tem como palco central o conflito de interpretações e, com isso, ela deve reconhecer além dos seus limites, a vantagem que existe ao escutar a voz de outro que também refletiu sobre este mesmo silêncio, a vantagem que existe no acolhimento, mesmo que provisório, da interpretação do outro (ALMEIDA, 2008, p. 302). Em suma: talvez, esteja na reflexão sobre um silêncio a razão de existir a hermenêutica, incluindo a hermenêutica filosófica, e a hermenêutica seja o caminho para alcançar profundidades,

como a temática da Educação no pensamento de Paul Ricoeur. Cabe notar que isso não se aplica apenas a autores contemporâneos, como o filósofo francês investigado, mas pode ser aplicado a todos filósofos, que também eram professores, o que descarta a acusação de que não houve contexto na vida de tal filósofo em que temática da educação aparece, que buscaram abarcar o todo, mas não deixaram nenhum escrito dedicado a tal temática. Temos, assim, como exemplo disso, Antoine Hourdakis e seu livro sobre *Aristóteles e a Educação* (2001). Nesta obra seminal, Hourdakis, após um resumo biográfico de Aristóteles, abre seu trabalho com as seguintes palavras:

Aristóteles nada ignorou de tudo o que se conhecia em sua época. Foi pesquisador, filósofo e fundador de numerosas ciências. Seu lado de pedagogo se explica por meio de dois fatos importantes: foi professor e fundador de uma escola. Infelizmente, sua teoria sobre a educação nos chegou em forma de fragmentos, de modo que pouco sabemos sobre Aristóteles pedagogo. De acordo com a lista de suas obras que se conservaram desde a Antiguidade, parece que Aristóteles escreveu um tratado intitulado *Sobre a educação*, que desapareceu. Assim, se quisermos estudar sua teoria pedagógica, teremos de nos apontar principalmente em duas fontes: a *Ética a Nicômaco* e a *Política* (HOURDAKIS, 2001, p. 9).

Destaquemos sistematicamente alguns pontos deste trecho:

1. Aristóteles buscou compreender todos os conhecimentos de sua época. Ou seja, sua filosofia não é alheia a nenhum tipo de conhecimento dentro de seu contexto, inclusive a Educação.
2. Aristóteles foi professor e fundador de escola. Ou seja, sua experiência fez com que ele tivesse que lidar com questões próprias da área da Educação, como o ensino, por exemplo.
3. Diante disso, nada mais natural que houvesse um tratado aristotélico intitulado *Sobre a educação*. Porém, tal tratado, se ele existiu, sumiu. Restou-nos o silêncio e fragmentos, encontrados em outros tratados, dedicados a outras temáticas.

Ora, as constatações de que a filosofia para Aristóteles deve compreender tudo, do fato da carreira de filósofo do estagirita ter se dado ao mesmo tempo que a carreira de professor e de fragmentos sobre educação são três pontos de arranques para que Hourdakís busque em fragmentos da obra aristotélica contribuições para Educação e desvele a profundidade de um silêncio, que pode ter sido involuntário, já que não sabemos se algum escrito aristotélico sobre educação se perdeu. Neste contexto, a questão que fica para nós é a seguinte: não podemos nos apropriar destes três pontos de arranque para pensar a ausência da temática da educação no pensamento de Paul Ricoeur? Cremos que estes três pontos seriam de grande valia. Justifiquemo-nos.

Em primeiro lugar, devemos destacar que, também para Paul Ricoeur, a Filosofia não é alheia a nenhum saber, basta lembrarmos do seguinte argumento presente em *A Simbólica do Mal*: “a filosofia deve compreender tudo, mesmo a religião” (RICOEUR, 2017, p. 366). Com facilidade, conseguimos desdobrar esta frase e perceber os múltiplos interesses da obra ricoeuriana, que vai além daquele pela religião. Por exemplo, a filosofia deve compreender tudo, mesmo a psicanálise, como o filósofo francês faz em *Da interpretação: ensaio sobre Freud*, a filosofia deve compreender o marxismo, como ele faz em *Ideologia e Utopia*, entre tantos outros saberes possíveis. Desta forma, podemos dizer que o espírito da filosofia ricoeuriana é muito bem representado por uma frase que o jovem Ricoeur ouviu de Roland Dalbiez, seu primeiro mestre no filosofar: “Não evitar as dificuldades, mas enfrentá-las de peito aberto” (RICOEUR, 2011, p. 120). Onde a filosofia encontrar uma dificuldade, ela deve enfrentar e encarar. Talvez, para a filosofia de Ricoeur, outros problemas se fizeram mais urgentes do que a Educação, como a religião, a psicanálise, entre outros, para um enfrentamento, mas isso não significa que sua filosofia não estaria apta para enfrentar problemas relacionados a tal área, uma vez que sua filosofia era consciente, assim como a de Aristóteles, que deveria compreender tudo, mesmo a Educação.

Em segundo lugar, assim como em Aristóteles, a carreira filosófica de Paul Ricoeur sempre se deu concomitantemente com sua carreira de professor. Ele mesmo relata, em *A crítica e a convicção*, ao comentar que quando começou a ensinar tinha apenas dois ou três anos a mais do que seus alunos: “Foi decisivo para mim ter sido ‘lançado’ tão depressa no ensino, e isso permaneceria uma constante: o meu trabalho esteve sempre ligado” (RICOEUR, 1995, p. 21-22). Sobre este fato, Jean Grondin afirma:

Ricoeur era um universitário, um pedagogo apaixonado, cujo didatismo (que ele chegou a lamentar, mas como não saudar aí uma de suas qualidades mais notáveis, principalmente em uma época em que tantos de seus contemporâneos se vangloriam de ser herméticos?) está marcado em todos os seus escritos: quando trata de uma questão, ele tem a preocupação de lembrar com uma limpidez e probidade exemplares o que os grandes filósofos disseram sobre a questão e o que os autores de seu tempo, de todas as tradições, pensaram dela (GRONDIN, 2015, p. 12).

De fato, como observa Olivier Mongin, Paul Ricoeur sempre foi alvo de uma quadrupla suspeita: do pedagogo, do universitário, do humanista e do crente (MONGIN, 1994, p. 19). A suspeita era de que essas quatro figuras fariam com que ele esquecesse a figura do filósofo, isto é, que o pensamento ricoeuriano não traz consigo nenhuma originalidade filosófica genuína. As suspeitas relacionadas diretamente com a Educação, a do pedagogo e do universitário, vieram, sobretudo, após publicações como *Tempo e Narrativa*, *A Metáfora Viva e O si-mesmo como outro* (MONGIN, 1994, p. 19), obras depois de sua carreira nos Estados Unidos, depois da prática de “testar” suas obras filosóficas em primeiro lugar com seus alunos (RICOEUR, 1995, p. 73). Deste modo, a relação entre professor e aluno foi se consolidando para Ricoeur, conforme ele declara em *O único e o singular*, não como uma relação entre mestre e discípulo, mas uma relação entre amigos (RICOEUR, 2002, p. 67). Ora, não é esta mesma relação que Ricoeur pensou em *História e Verdade* ao falar da relação do filósofo-historiador com a história da filosofia? Observemos as palavras do próprio Ricoeur:

[...] o filósofo-historiador tentará então atingir a questão que só o outro filósofo encontrou e situou, a questão viva com a qual o pensador se identifica; essa longa frequência de um autor, ou de um pequeno número de autores, tende para o gênero de relação estreita, exclusiva, que um homem pode ter com seus amigos. A profundidade da relação exclui a possibilidade de estender ele a todos os filósofos, a todos os pensadores, a todos os homens, essa espécie de comunicação (RICOEUR, 1968, p. 40-41).

Diante disso, podemos dizer que aquilo que é visto, como aponta Mongin, como suspeita pode ser muito bem visto como virtude, seguindo a indagação de Grondin, pois podemos encontrar na relação entre professor e aluno algo similar com aquilo que o filósofo encontra em outro filósofo que está na história da filosofia. Além disso, por consequência, podemos dizer que na relação que Ricoeur estabelece em sua filosofia com a história da filosofia há um silêncio relacionado à Educação, em especial com o ensino do filosofar, que “esconde” em um “Ricoeur” que é filósofo um “Ricoeur” que também é aluno/professor, já que ele busca ter com os alunos do presente o mesmo que ele tem com os professores de outrora.

Por fim, em terceiro lugar, ao invés de fragmentos, como em Aristóteles, podemos encontrar em Paul Ricoeur um simulacro de sua reflexão sobre Educação, ou seja, toda obra ricoeuriana “esconde” uma reflexão sobre o ensino do filosofar. O silêncio de Paul Ricoeur não traz algo vazio, pelo contrário, traz um excesso de significado. Sendo assim, podemos dizer que embora Ricoeur não tenha deixado nenhum texto voltado para Educação, é possível refletir sobre tal área a partir de seus escritos, uma vez que esta perpassa silenciosamente toda sua obra. Diante disso, analisemos a obra de alguém que já procurou explorar esta via em Paul Ricoeur.

## 2. A contribuição de Novaski

*Em Fenomenologia da ação: proposta de uma filosofia da educação a partir da fenomenologia de Paul Ricoeur*, tese doutoral defendida em 1984

no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Augusto João Crema Novaski<sup>3</sup> propõe pensar, a partir da filosofia de Paul Ricoeur, uma filosofia da educação (que se faz presente no cotidiano do professor de filosofia) que possui três traços principais: (i) a contemporaneidade, que é a vivência das questões e anseios atuais; (ii) a hermenêutica, que é um perder-se em meio ao texto para encontrar nossas próprias respostas; e (iii) a psicanálise, que convida a filosofia para um caminho cauteloso, onde o Cogito não é mais o juiz. Como podemos notar, Novaski identifica três traços marcantes da filosofia, em um sentido geral, de Ricoeur enquanto três traços que também se fazem presentes em uma filosofia viva que anima alguém que ensina, o interesse pela contemporaneidade, pela hermenêutica e o distanciamento de um pensamento autossuficiente, e, com isso, faz com que pensemos, a partir destes dois traços, em uma filosofia da educação. O que permite a Novaski a identificação destes três traços e a aproximação do filósofo e do docente é a percepção de que o desejo que move a obra ricoeuriana, a saber, “[...] a apropriação do nosso esforço por existir e nosso desejo de ser” (RICOEUR, 1968, p. 19), também é o desejo que move (ou ao menos deveria mover) o docente.

O esforço por existir e o desejo de ser se manifesta, como mostraremos, em todas as nossas ações, inclusive na educação. Além disso, essa não é uma tarefa solitária, se dá, ao mesmo tempo, tanto ao nível pessoal, quanto coletivo. Portanto, como aponta José E. Romão em outro contexto, a contribuição de um docente para sociedade não pode se esquecer de seu projeto pessoal e nem ao contrário, o projeto pessoal não pode esquecer seu papel perante a sociedade.

---

<sup>3</sup> Augusto João Crema Novaski possui graduação em Filosofia pelo Seminário Maior Franca (1958), graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia e Letras de Mogi das Cruzes (1970), mestrado em Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1978) e doutorado em Filosofia da Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1984). Atualmente é Professor Doutor do Centro Universitário Salesiano de São Paulo. Sua tese doutoral é uma das primeiras a trabalhar o pensamento ricoeuriano e sua relação com a filosofia da educação aqui no Brasil. Por isso, elegemos Novaski como o principal interlocutor de nosso artigo.

Sem cair no viés analítico, ninguém pode contribuir para a construção de uma sociedade melhor, se não estiver bem consigo mesmo; e ninguém pode estar bem consigo mesmo, se não perceber a possibilidade concreta de alcançar usufruto do mundo melhor, de cuja construção participa (ROMÃO, 2000, p. 65).

Creemos que esta afirmação de Romão expressa bem uma das principais implicações da fenomenologia da ação pensada por Ricoeur e analisada por Novaski. No primeiro capítulo de sua tese, *O que fazer e o que eu sou*, Novaski aponta para articulação que existe entre duas grandes questões filosóficas, *o que eu sou?* e *o que faço?*. A história da filosofia nos deixou duas vias para pensar estas questões: (i) a via negativa, que é o caminho da angústia, onde se busca negar a história na afirmação daquilo que sou e aquilo que sou é insignificante para a história; (ii) a via positiva, o da descoberta de que há algo mais originário do que a própria negação, uma afirmação originária que é responsável por tudo aquilo que se faz. Estes dois caminhos não se dão separados, pois a negação é responsável para que o sujeito não se iluda em meio a uma exaltação de si mesmo. Sendo assim, o caminho da afirmação originária determina tudo aquilo que o sujeito encontra via negação e é necessário um caminho que concilie a negação com a negação desta negação. Em suma: “Soerguendo o homem acima de tudo o que o diminui e nega, está a afirmação de que ele é capaz” (NOVASKI, 1984, p. 18). Neste cenário, temos uma filosofia que pensa *o que eu sou?* junto com *o que eu faço?*, negando a busca por um saber absoluto, aos fanatismos do ceticismo e do voluntarismo e, conseqüentemente, aceitando as incertezas da história.

No segundo capítulo de sua tese, *A hermenêutica e a existência*, Novaski aponta para a importância da hermenêutica para se pensar a articulação entre o ser e o fazer. Os símbolos de nossa cultura são a própria vida ganhando expressão. As diferentes linguagens interpelam a existência humana em seu mais profundo. O nome de uma instrumentalização, que é uma espécie de criteriologia para uma filosofia que se dá na ação, se chama hermenêutica. Deste modo, se sou aquilo que faço, e faço aquilo que sou. E

se, às vezes, faço aquilo que não sou, eis aí a importância da filosofia instrumentando-se na hermenêutica (NOVASKI, 1984, p. 25-26). Diante disso, Novaski encontra um mote para sempre afirmar aos seus alunos: “Costumo a dizer a meus alunos que a filosofia, se não dá melhores razões de vida, pelo menos deve fornecer razões mais claras de viver” (NOVASKI, 1984, p. 30). A hermenêutica é o instrumento utilizado para que em todo interpretar se reconheça um interpretar-se.

Diante deste contexto, Paul Ricoeur encontra uma importante aliada, a psicanálise. No terceiro capítulo, *Fenomenologia e subsídios de Freud*, Novaski afirma que, a partir da psicanálise, a filosofia reflexiva se torna muito mais cautelosa, pois, com ela, o Cogito não é visto mais como juiz, uma vez que o seu enraizamento está para além de sua consciência, em seu desejo. Neste sentido, ao invés de ser uma filosofia da consciência, temos uma filosofia reflexiva, já que a reflexão é uma tarefa, que nunca se findará completamente. Além disso, a filosofia se torna muito mais cautelosa, uma vez que “[...] se o sujeito não é aquele que creio que é, então é preciso perder a consciência para encontrar o sujeito” (RICOEUR, 1978, p. 204). A filosofia, assim, é uma hermenêutica do conflito entre desejo e mundo, entre o interpretar e o interpretar-se.

Sendo assim, o quarto capítulo, *Teleologia, Ação e História*, reflete sobre o *terminus* da ação, isto é, sobre o peso no destino global que nossas ações possuem, já que, por um lado, a história é fundamental para quem eu sou, por outro lado, quem eu sou também é fundamental para o destino da história. Diante disso, Novaski chega ao mesmo ponto que iniciamos com Romão, na importância que existe em certa reciprocidade na finalidade da ação entre o pessoal e o coletivo. Sendo assim, a visão de Novaski sobre a história, pensada a partir de Paul Ricoeur, é próxima daquela presente em *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*, de Paulo Freire, onde se afirma:

É o saber da história como possibilidade e não como *determinação*. O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da história mas seu sujeito igualmente (FREIRE, 2015, p. 74-75).

Diante de toda esta reflexão, em seu último capítulo, *Filosofia da Educação*, indica, como já pontuamos, três traços de Ricoeur a partir dos quais podemos pensar em uma filosofia da educação e refletir a prática docente:

1. A contemporaneidade de toda reflexão;
2. A hermenêutica enquanto instrumento reflexivo importante;
3. A psicanálise enquanto importante aliada do filosofar;

Novaski coloca como centro das discussões em *Filosofia da Educação* a articulação entre as questões *quem eu sou?* e *o que eu faço?*. Os três traços apresentam a maneira concreta com o qual Ricoeur articulou estas questões em seu pensamento e indicam um caminho para o educador em filosofia seguir, que faz com que o interpretar da história da filosofia seja um interpretar-se que livra o sujeito de sua autossuficiência. Novaski identifica estes traços buscando aplicar sua reflexão sobre a obra ricoeuriana com sua prática docente e, diferente de nós, não leva em conta que Ricoeur também era um docente. Talvez, este ponto possibilite ampliar nossos horizontes, tanto da obra de Novaski, quanto de nossas reflexões sobre Ricoeur.

### **3. Um horizonte para se pensar a educação**

Em *Fenomenologia da ação: proposta de uma filosofia da educação a partir da fenomenologia de Paul Ricoeur*, de Augusto João Crema Novaski, encontramos uma obra que contribui para afirmação da tese inicial de nosso artigo, a saber, de que uma filosofia da educação perpassa toda filosofia de

Paul Ricoeur. Em sua obra, Novaski não poderia almejar tal perspectiva, uma vez que foi escrita antes de 2005, ano em que Ricoeur daria suas últimas contribuições para filosofia. Deste modo, Novaski identifica traços de uma filosofia ainda em construção. Neste sentido, somos autores privilegiados, já que podemos contemplar horizontes ainda não traçados na época que Novaski conduziu sua reflexão.

Para além dos limites históricos, Novaski identifica na fenomenologia da ação ricoeuriana três traços importantes para se pensar a filosofia da educação, em especial, sobre a docência. Cabe destacar que estes três traços pertencem ao que podemos chamar de metafilosofia, no sentido de uma filosofia da filosofia. Novaski desdobra para a concretude da vida docente características que Ricoeur identifica no filosofar, transformando as afirmações “a filosofia deve ser contemporânea”, “a filosofia deve ser hermenêutica” e “a filosofia deve contar com a psicanálise” em “o ensino deve ser contemporâneo”, “o ensino deve ser hermenêutico” e “o ensino deve contar com a psicanálise”.

Sobre este último desdobramento está nossa singela contribuição através da questão: o ensino não deve contar com algo além da psicanálise? Se nossa tese estiver correta, podemos desdobrar afirmações sobre a educação de outros textos ricoeurianos, uma vez que a filosofia da educação perpassaria toda obra de Paul Ricoeur. Sendo assim, da mesma maneira que Novaski identifica a psicanálise como importante aliada da filosofia a partir de *Da interpretação: ensaio sobre Freud*, podemos apontar, a partir de outras obras, o estruturalismo marcante em *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*, o marxismo presente em *A ideologia e a utopia*, a linguística que conduz o debate tanto em *A metáfora viva*, quanto na trilogia de *Tempo e Narrativa*, entre outros saberes como possíveis aliados do ensino, já que, aos seus modos, eles também destronam o Cogito, eles agem enquanto não-filosofia:

A não-filosofia é o aporte indispensável dos diversos saberes, das ciências naturais e humanas, do trabalho literário, da cultura em toda sua extensão, sem a qual não há pesquisa filosófica verdadeiramente fecunda; mas não-filosofia é também o impacto da razão filosófica com os dramas e horrores da história, com a tragédia dos conflitos éticos, com os enigmas da condição humana, com a contingência do existir, com as lacerações da vida (JERVOLINO, 2020, p. 239).

A não-filosofia, indicada por Novaski através da psicanálise, direciona a filosofia para a concretude, faz com que a filosofia se afaste da autossuficiência e se aproxime da vida. A filosofia vista deste modo, enquanto uma hermenêutica, livra a filosofia da educação de sua autossuficiência também e garante que está só seja possível se for, ao mesmo tempo, filosofia da educação e filosofia do educador, filosofia do docente. Neste cenário, toda interpretação se torna um interpretar-se e nós, enquanto educadores e pesquisadores, temos como dever pensar a educação, ao mesmo tempo que pensamos a nossa própria docência. Desta forma, podemos responder positivamente à pergunta que finalizou nossa introdução, em Paul Ricoeur, seguindo Novaski, podemos encontrar um bom horizonte para se pensar, com as não-filosofias, através da concretude, não apenas a educação, mas também a docência.

### Considerações Finais

Após esta breve reflexão, nós, enquanto educadores, podemos levantar ainda mais uma questão, que contribuições concretas podemos pensar a partir do horizonte que identificamos para nossa prática docente? Esta pergunta servirá tanto para guiar as considerações finais de nosso artigo, quanto para um modelo de aprofundamento crítico daquilo que pensamos aqui. Para respondermos próximos da concretude, imaginemos que estamos elaborando um plano de aula com a seguinte temática, *a identidade da filosofia*.

Em primeiro lugar, devemos dizer que a escolha desta temática não é por acaso, ela aparece como primeira temática apontada para área de filosofia nas *Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*, com a seguinte justificativa:

A pergunta acerca da natureza da filosofia é um primeiro e permanente problema filosófico. Não podendo ser solucionado aqui mais que parcialmente (nem devendo ser solucionado integralmente em nenhum lugar), cabe-nos, porém, a tarefa de delinear alguns elementos para uma contextualização mais adequada dos conhecimentos filosóficos no ensino médio. Tomando-se como ponto de partida o já mencionado Inciso III do § 1º do Artigo 36 da Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº 9.394 de 20/12/1996), no qual se afirma que o educando ao final do ensino médio deve demonstrar o “domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania”, faz-se necessária alguma compreensão, mesmo provisória e descritiva, do que se pode entender por “Filosofia”, de modo que, em seguida, a possamos também relacionar com uma possível compreensão do termo “cidadania” e seu importante exercício (BRASIL, 2006, p. 21).

Como podemos notar, somos convidados a apontar, enquanto uma resposta parcial à questão *o que é filosofia?*, a filosofia como um conhecimento necessário para o exercício de cidadania e este deve ser o ponto de partida para todas outras temáticas que se sucedem. Ora, como observa Wanderson Flor do Nascimento em *Outras Vozes no Ensino de Filosofia: O Pensamento Africano e Afro-Brasileiro*, a partir desta temática podemos, por exemplo, articular as tradições africanas e afro-brasileiras em nossos conteúdos, uma vez que é

[...] possível problematizar a pluralidade de visões sobre a definição de filosofia, conhecimento e ciência, mostrando a possibilidade de que algumas acepções se liguem com a oralidade, não oponham o conhecimento científico à tradição oral e conectemos esses tópicos com noções menos ligadas com um formalismo de seus registros (NASCIMENTO, 2012, p. 84).

Neste sentido, em prol do exercício da cidadania, ao buscar um esboço do que seria filosofia, devemos nos abrir para as diferentes filosofias, como as filosofias africanas e afro-brasileiras, apontadas por Nascimento. A partir daquilo que refletimos com Ricoeur, podemos dizer que nossa abertura deve ir além, deve também estar atenta às não-filosofias, enquanto outras disciplinas ou outros saberes, a fim de que nossa reflexão não escape da concretude. Sendo assim, se em nosso plano de aula sobre o que seria filosofia incluirmos, seguindo Nascimento, as filosofias africanas e afro-brasileiras, de igual modo podemos explorar aquilo que está além destas filosofias, como seus mitos, danças, religiosidades, entre tantos outros saberes. A interdisciplinaridade, em seu sentido mais amplo, é um ponto de partida necessário para o fazer filosófico, incluindo aquele que se dá através do ensino e, como apontamos junto com Luiza Vieira Godinho em outro contexto, quando refletimos sobre *O único e o singular*, a abertura à interdisciplinaridade é uma tarefa urgente do fazer filosófico, a fim de que se evite a volta do totalitarismo de outrora:

Hoje, vinte e um anos após a escrita de *O único e o singular*, podemos constatar que um fazer filosófico aos moldes democráticos, que seja um lugar de liberdade e encontro de todas convicções, é mais do que necessário, é urgente, pois não faltam esforços para que reine o totalitarismo e, por consequência, se repitam os sofrimentos do passado. [...] O privilégio do não-filosófico, de uma filosofia que tem como ponto de partida a interdisciplinaridade, como nota Domenico Jervolino, o rompimento, através da concretude, com uma filosofia que se julga autossuficiente, que só encontra diálogo com ela mesma (JERVOLINO, 2011, p. 57-58), que é, em última análise totalitária. Em suma: A interdisciplinaridade é o ponto de partida para uma filosofia cujo acolhimento possa ir até o estrangeiro, até o outro desconhecido (SOUSA; GODINHO, 2020, p. 252).

Com isso, resta-nos apenas dizer que se queremos pensar, como sugere nosso título, a educação e a docência a partir de Paul Ricoeur, devemos levar em conta nossa contemporaneidade e a necessidade que se impõe do

diálogo com o outro em prol da democracia. Este movimento que devemos pensar em nossas pesquisas e em nossas aulas não é estranho para história da filosofia, pois como nota o próprio Ricoeur: “Todos os grandes filósofos do passado foram competentes numa ciência e muitas vezes em várias: Platão era geômetra, Descartes matemático, etc. Por conseguinte, a filosofia não se limitava a um debate consigo mesma” (RICOEUR, 1976, p. 2)<sup>4</sup>.

### Referências

ALMEIDA, Danilo Di Manno de. O silêncio dos docentes: uma nova configuração? *Linhas Críticas*, v. 14, n. 27, 2008. 301-318. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/3497>>.

BRASIL. *Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: Ciências Humanas e suas Tecnologias*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2006. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_03\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf)>.

DOMINGUES, Ivan. *Filosofia no Brasil: Legados e perspectivas - Ensaios metafísicos*. São Paulo: Editora unesp, 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 31ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GRONDIN, Jean. *Paul Ricoeur*. Tradução de Sybil Safdie Douek. São Paulo: Loyola, 2015.

HOURDAKIS, Antoine. *Aristóteles e a Educação*. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo : Edições Loyola, 2001.

JERVOLINO, Domenico. Discurso filosófico e existência em Ricoeur: filosofar após Kierkegaard. Tradução de Thiago Luiz de Sousa e Luciano

---

<sup>4</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Vicente. *O que nos faz pensar*, v. 29, n. 47, p. 238-246. Disponível em: <<http://oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnf/article/view/758>>.

MONGIN, Olivier. *Paul Ricoeur e as fronteiras da filosofia*. Tradução de Amanda Pereira da Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. OUTRAS VOZES NO ENSINO DE FILOSOFIA: O PENSAMENTO AFRICANO E AFRO-BRASILEIRO. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE)*, n. 18, 2012. p. 74-89. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/4524>>.

NOVASKI, Augusto João Crema. *Fenomenologia da ação: Proposta de uma filosofia da educação a partir da fenomenologia de Paul Ricoeur*. 1984. 113 p. Tese. Doutorado em Educação – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/252789>>.

RICOEUR, Paul. *História e verdade*. Tradução: F. A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense, 1968.

RICOEUR, Paul. *Entrevista com Paul Ricoeur [sobre a crise da filosofia]*. La philosophie d'aujourd'hui, Lausanne-Barcelone. Éditions Grammont-Salvat Editores (Bibliothèque Laffont des grandes thèmes), 1976. Tradução de Hugo Barros. Disponível em: <[http://www.uc.pt/fluc/uidief/textos\\_ricoeur/filosofia\\_atual](http://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/filosofia_atual)>.

RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Tradução: Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

RICOEUR, Paul. *A Crítica e a Convicção*. Tradução de António Hall. Lisboa. Lisboa: Edições 70, 1995.

RICOEUR, Paul. *O único e o singular*. Tradução de Maria Leonor F. R. Loureiro. São Paulo; Belém: Editora UNESP; Editora da Universidade Estadual do Pará, 2002.

RICOEUR, Paul. O meu caminho filosófico. In: JERVOLINO, Domenico. *Introdução a Ricoeur*. Tradução de José Bertolini. São Paulo: Paulus, 2011. p. 120-143.

RICOEUR, Paul. *A Simbólica do Mal*. Tradução de Hugo Barros e Gonçalo Marcelo. Lisboa: Edições 70, 2017.

ROMÃO, José E. *Compromisso do educador de jovens e adultos*. In: GODOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (Org.). *Educação de jovens e adultos: Teoria, prática e proposta*. 2. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2000.

SOUSA, Thiago Luiz de; GODINHO, Luiza Vieira. O "HOMERO" DE PAUL RICOEUR: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE "O ÚNICO E O SINGULAR" In: FIEDLER, Cássia Zimmermann; CONCE, Christian; PIROLA, Émerson; Araujo, Pedro Antônio G. de (Orgs). *XX Semana Acadêmica do PPG em Filosofia da PUCRS, Vol. 1*. Porto Alegre, RS: Editora Fundação Fênix, 2020, p. 245-253. Disponível em: <<https://www.fundarfenix.com.br/51-xx-semana-acad%C3%A0mica-volume-i>>.

*Submetido em: 25/03/2021*

*Aceito em: 04/05/2021*

*Publicado em: 11/10/2021*